

Tortura nunca mais¹

Liana Albernaz de Melo Bastos²

*Para meu avô materno, que me legou o Albernaz
de doces e poéticas lembranças*

Tomei conhecimento do artigo de Jean-Claude Rolland “*Un Homme torturé: Tito de Alencar*” através do Conselho Editor da Revista Brasileira de Psicanálise, em meados de 1996. Fui tomada por uma profunda emoção. Algo da ordem da fascinação e do horror, do familiar e do estranho. Eu já conhecia os fatos narrados. Minha emoção tinha um mais além: enganchada na leitura, vi-me diante de um escrito psicanalítico³. “Como a psicanálise não se ensina, o escrito psicanalítico deve cumprir a função paradigmática de sua transmissão. Transmissão que implica em filiação, pela autoridade simbólica que assume qualquer um que corre o risco de articular pela escritura a singularidade de sua descoberta do inconsciente e da incidência desta na leitura do discurso psicanalítico”⁴. Imediatamente, pronuncie-me favorável à publicação do artigo de Rolland. Via aí a possibilidade de promover a discussão de questões teóricas, políticas e éticas sem as quais a psicanálise não sobrevive, tornando-se tão somente campo estéril de uma prática obsessiva ritualizada burocraticamente.

1. Trabalho originalmente publicado na Revista *TRIEB*, n.6, em 1998.

2. Membro efetivo com funções específicas do Instituto de formação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Professora aposentada do curso de Medicina da UFRJ.

3. Um escrito psicanalítico é, segundo Birman, aquele que, além de tematizar a psicanálise, produz uma experiência de inconsciente no leitor. Quando estava escrevendo este comentário, li “A escritura nos destinos da psicanálise”, de Joel Birman. Pude, então, melhor articular aquilo que comigo se passara na leitura do texto de Rolland. Birman, a quem muito devo, é transmissor da psicanálise. A este respeito vide BIRMAN, Joel. “Avescritura nos destinos da psicanálise”. In: *Por uma estilística da existência*. S. Paulo; Editora 34, 1996.

4. *Ibid.*, p.85.

Fomos, no entanto, eu e Miguel Calmon, votos vencidos no Conselho Editorial da RBP. A democracia tem destas vicissitudes...(A maioria pode se enganar. A eleição de Fernando Collor e de outros fernandos bem o tem demonstrado). A questão ética que atravessava o texto não foi, ao que parece, o critério dos demais membros do Conselho.⁵ Assim, quando Miguel pensou em publicá-lo em nossa revista *TRIEB*, apoiei-o entusiasticamente, sugerindo que convidássemos algumas pessoas para debatê-lo. Pouco depois, recebi o convite de Miguel para ser um dos comentadores. Ele buscava pessoas que, de uma forma ou outra, tivessem implicações com o texto. A minha implicação era óbvia: um dos mais terríveis torturadores de Tito - e de muitos outros mais - foi o famigerado capitão Albernaz, agente da repressão em S. Paulo.

O convite causou-me, no primeiro momento, um imenso prazer. “O texto surpreende e impacta o leitor, interpelando o seu campo desejante de maneira inesperada, como numa interpretação psicanalítica. Em contrapartida, existe o movimento desejante do leitor que se apropria do texto e o recorta de forma heteróclita.”⁶ Comentar Rolland, me oferecia esta dupla possibilidade.

O inconsciente às vezes tarda, mas não falha. À noite, ouvindo o uivo do vento que entrava pela janela, fui tomada de uma intensa angústia. O uivo me remeteu a outras cenas, a momentos da minha história que estavam esquecidos. O convite se transformou, então, em horror. Percebi, neste momento, que escrever sobre o texto não era mais um convite. Transformara-se, para mim, em uma exigência. Exigência de um trabalho pulsional.

Se “o desespero da tortura passa pela perda do direito à linguagem”, transformando o torturado num sobrevivente desenraizado de si mesmo, de sua identidade e de seus ideais, como nos diz Rolland, era preciso que o direito à linguagem fosse resgatado. Precisava da palavra. Mas de que palavra? Qual a diferença entre a minha palavra e a do torturador?

A palavra do torturador, durante a tortura, fica “destituída de seu estatuto semântico, ela sofre uma despoetização que a reduz a ser um corpo estrangeiro, uma coisa que habitará duradouramente o sujeito”, destruindo-o, transformando-o “naquele que o torturador gostaria que ele fosse”⁷.

5. À propósito, cabe lembrar que o relatório da Comissão ad hoc de Pesquisa da IPA sobre a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, assinado pela presidente Inga Villareal, discute a legitimidade do voto da maioria quando se trata de questões éticas.

6. Birman, J. op cit. P.83

7. Rolland, J-C. “Um homme torturé: Tito de Alencar”. Nouvelle revue de Psychanalyse, 33:223-34, 1986.

Comecei a me dar conta de que havia, entre o capitão Albernaz e eu, outras implicações além daquela do significante. Tornava-se imperioso, para mim, discuti-las.

Como o torturador, também nós, psicanalistas, trabalhamos com a palavra. À diferença do torturador, nossa palavra deve ter dimensão semântica, deve ser instrumento que produza efeitos que levem, não à alienação, mas, ao desvelamento do sujeito. Mas, é preciso saber que muitos demônios nos espreitam a nós, psicanalistas. Equivocamo-nos. Falamos, às vezes, quando devíamos calar. Calamo-nos quando devíamos falar. A nossa palavra não é angelical. Ela é humana. Somos humanos. E, é por isto que a perda da humanidade que a tortura infringe não pode nos deixar mudos. É preciso que se fale. Não para exorcizar o demônio - assim a tortura tem se justificado desde sempre, lembra Rolland-mas para buscar inscrever a pulsão de morte no registro da vida.

O capitão Albernaz não é meu parente. Mas, poderia sê-lo. (Não somos todos da mesma família humana?) Qualquer que fosse esta relação, contudo, eu não me calaria, A dimensão ética é o que sustenta a nós, humanos, na cultura. A linguagem não se faz apenas pelos significantes. O Albernaz que nos assemelha é o mesmo que nos diferencia. O que a tortura não suporta é a diferença. É a diferença que ela busca destruir como representante do mal.⁸ E pela diferença que a multiplicidade de sentidos, rompendo com a repetição, promove a desalienação do sujeito.

Pão, terra e liberdade

*“Sem comida, a liberdade é mentira, não é verdade”*⁹

A tortura no Brasil veio de além-mar. Ela chegou às nossas terras pela mão do colonizador. Primeiramente praticada contra os índios, depois contra os escravos. Afinal, tanto uns quanto outros não tinham alma. Não eram cristãos, muito menos semelhantes. Longa discussão teológica. Sanada esta questão, a tortura, no entanto, permaneceu como ferida viva e aberta. Institucionalizada, ela conviveu com o poder, dele se alimentando e fortalecendo-o no seu arbítrio.

8. Ibid. p.234

9. Centro Popular de Cultura (CPC)- UNE. Também é verdade que não basta apenas comida. Pão, terra e liberdade não são termos excludentes (ainda que o socialismo real não os tenha compatibilizados) e são hoje, no Brasil, com a exigência imediata de uma reforma agrária, absolutamente atuais.

1935. O mundo assistia à ascensão do nazismo. Diante deste, a polarização era inevitável. No Brasil, a Aliança Nacional Libertadora, sob o comando de Luís Carlos Prestes, preparava a tomada do poder. Seu lema: pão, terra e liberdade. “Estamos incontestavelmente nas vésperas de grandes acontecimentos em todo o país. (..) Marchamos, a grandes passos, para uma crise durante a qual ninguém poderá ficar neutro. A Aliança Libertadora Nacional, apesar de lançada na ilegalidade, será a força capaz de dirigir o povo e todos os brasileiros serão obrigados a tomar posição clara, nos próximos dias, a favor ou contra ela.”¹⁰ A data marcada: 27 de novembro.

A Intentona comunista fracassou. O governo de Getúlio Vargas, simpático ao nazismo, tendo Filinto Müller como chefe de Polícia, prendeu e torturou centenas de pessoas. Instaurou-se o terror fascista.

Dentre os comunistas estrangeiros que participaram da Intentona, estava Artur Ernest Ewert ou Harry Berger, delegado da Terceira Internacional Comunista.¹¹ Berger e sua mulher foram presos e brutalmente torturados.

Berger foi colocado num socavão na parte de baixo da escada da Polícia Especial: Não podia ficar de pé. Passava o dia encurvado. Dormia numa esteira, não tomava banho e apanhava todos os dias. Era brutalmente torturado pela polícia de Filinto Muller, que chegou a estuprar a mulher de Berger na frente dele. (Esta prática se repetiria, com requintes, durante a ditadura que instalou com o golpe militar de 64).

Um jovem advogado católico, Heráclito Sobral Pinto, dispôs-se a defender os comunistas Prestes e Berger. A situação de Berger era tão dramática que Sobral Pinto recorreu à Lei de Proteção aos Animais na esperança de conseguir para este os direitos mais elementares. Não obteve êxito.

Berger enlouqueceu. Quando os presos políticos foram soltos em 1945, sua irmã veio da Alemanha para buscá-lo. Mas, ele não se recuperou nunca mais. Veio a morrer na década de 50 num hospital psiquiátrico sem reconhecer as pessoas.¹²

10. Carta de Prestes a Costa Leite, Cit. em BASTOS, Abgvar. Prestes e a Revolução Social. São Paulo: Editora HUCITEC, 1986, p.283.

11. Não deixa de ser curioso apontar, como o fez Ney Marinho, a semelhança da estrutura da IPA com a das Internacionais Comunistas. TRIEB, Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. 1997, n. 5. p. 151.

12. MORAES, Denis & VIANA, Francisco. Prestes: lutas e autocríticas. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1982.

Uivos

“Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura”¹³

A tortura não busca provocar apenas uivos de dor e desespero. Ela visa fazer, do torturado, um traidor transformando uivos em palavras. O uivo é a expressão do desespero, da angústia inominável, do terror do aniquilamento. O uivo parte diretamente do corpo. É pura expressão da excitação dolorosa. Não há nele representação psíquica. O uivo é o animal em cada um de nós. Apenas a palavra é humana.

O terror de cada um diante da tortura, para além da dor, é não resistir e falar aquilo que não pode ser dito. O torturado teme romper o pacto com seu grupo. Sua inserção no grupo pressupõe honrar este compromisso.¹⁴ Assim, a tortura “eficiente” é aquela que faz do torturado um excluído. Excluído do pacto edípico. Destituído daquilo que lhe é mais caro: do seu ideal de ego.¹⁵ Quando o torturado fala, é como se ele fizesse uma retração narcísica, tentasse salvar-se da dor e da morte anunciada. Esta “salvação” é, no entanto, ilusória. E, isto o torturado sabe, mas, para alguns, é como se a escolha se fizesse entre ser um herói morto ou um covarde vivo.¹⁶ Desejar a morte para livrar-se da tortura. Calar pela morte. Falar para sobreviver. Sobrevivendo, enlouquecer pela culpa. Enlouquecendo, buscar a morte para se livrar da tortura da culpa por ter falado. Frei Tito e muitos mais nos contam deste destino trágico.

A eficiência da tortura vem, portanto, do uso perverso deste duplo investimento libidinal humano: libido narcísica x libido objetal. Para conseguir o abandono objetal com o rompimento do pacto edípico, a tortura tem que ser clandestina. Tem que estar à margem da lei. Sua existência, portanto, se dá em regimes em que a lei inexistente ou, o que dá no mesmo, em que a lei é arbitrária, não resultante de pactos sociais. Sua única lei é a do discurso sádico. A tortura é a ruptura do código edípico. E a ruptura ética. E, é esta ruptura que ela tenta promover no torturado.

13. GINSBERG, A. *Vivo*. Porto Alegre: L & PM, 1984.

14. Ainda que às custas de sua singularidade como foi frequente dentre a esquerda marxista.

15. A fundação do grupo social se faz a partir do pacto edípico, daquele que garante iguais direitos a todos os irmãos pelo sentimento de culpa (consciência moral) gerado com a devoração do pai. Este permanece, assim, dentro de cada um, pela moção terna, como um ideal, FREUD, S. *Tótem y tabú*. (1914) AE vol. XIII.

16. A propósito do heroísmo, remeto a TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo*. Campinas, S.P.: Papirus, 1995.

Mas, para transformar uivos em palavras - melhor dizendo, em descargas da linguagem, como sublinha Rolland - a tortura tem que ser hábil. Não interessa a ela que o torturado morra antes de falar. (Os médicos dos aparelhos de repressão têm essa “função”. Pelo menos um psicanalista, no Brasil, também participou deste trabalho sujo.) Também não interessa a ela o enlouquecimento imediato do torturado. (O enlouquecimento desejado é num *après-coup* ¹⁷). Para conseguir seus objetivos, a tortura precisa “dosar” seus instrumentos. O primeiro deles é, evidentemente, a sevícia física. A dor provocada tem que se manter dentro de um certo limiar sob pena de não produzir fala. (Além de um certo limite, ela é apenas campo da pulsão de morte).¹⁸ Mas, apenas a tortura física, sem a presença dos torturadores e sem a fala destes, não tem eficiência. É preciso - e, isto é, sem dúvida, diabólico - que a sevícia corporal promova, ao mesmo tempo, uma erotização daquele momento. Esta erotização se dá numa conjugação: o tipo de tortura corporal empregada e a fala dos torturadores.¹⁹ Perversa sedução do corpo erógeno prenhe de fantasias, é assim que o torturador transforma o uivo do torturado em representação-palavra. Indo até os limites do gozo masoquista do torturado. Falando palavras que atendam ao desejo sádico do torturador, o torturado queima-se num inferno: o de ter entrado no pacto perverso. Para rompê-lo, a alienação é buscada.

Ambiguidades

“Hay que endurecer pero sin perder la ternura jamás”

Che Guevara

17. ROLLAND, J. C. op. cit. p. 225.

18. ALBERNAZ, Liana de Melo Bastos. “A dor é mulher?” Revista Brasileira de Psicanálise, 27:1,1993,43-58

19. Ibid. Isto pode ser tristemente verificado nas exibições feitas de práticas de tortura com presos políticos em aulas ministradas pelos agentes da CIA aos agentes da repressão, durante a ditadura no Brasil, quando, então, os presos torturados diante da plateia não eram inquiridos simultaneamente, mas apenas exibidos. Eles nada falavam. (Dan Mitrione foi um destes agentes da CIA no Brasil. Chegou a ser homenageado pela ditadura militar com nome de rua em Belo Horizonte. Após a redemocratização esta mesma rua teve seu nome trocado para José Carlos da Matta Machado, assassinado pela tortura em Recife). Ali, eram, tão somente, cobaias de laboratório. Não havia mais o mínimo interesse em humanizá-los. Bastavam seus uivos. Conferir em “Tortura nunca mais”, extensa documentação reunida sob os auspícios da CNBB.

A identificação da ossada de Che Guevara e de outros guerrilheiros efetuada este mês, na Bolívia, mostra que, mesmo que se passem trinta anos, é preciso trazer à luz certas verdades históricas. Elas não podem ser esquecidas em valas comuns. Che e seus companheiros têm que ser enterrados com lápides que lhes restituam suas identidades e suas histórias. Dentro da lei. Polinices de nosso tempo.

Símbolo de uma época e de uma causa, Che eternizou-se na frase citada, comovendo a mim e a muitos da minha geração, ao apontar, poeticamente, para a contradição na qual a luta revolucionária nos lançava: a dureza e a ternura. O marxismo tem, no seu racionalismo, a marca iluminista.²⁰ Aos que militavam nos movimentos de esquerda, durante a ditadura militar no Brasil, não era permitido ambiguidades.²¹ O sujeito dividido para o qual a Psicanálise aponta não era considerado. Exigia-se dos militantes “firmeza ideológica”. Esta tinha prova máxima na prisão e na tortura. Aquele que delatasse seus companheiros revelava “fragilidade ideológica”.

Rolland ressalta que a tortura em Tito tinha por objetivo, não apenas fazê-lo falar, mas ainda esquarterar e salgar o solo²² de uma nova aliança da qual Tito era o símbolo - que se produzia entre a fé e a revolução, rompendo a tradicional aliança da Igreja com o Estado. A ambiguidade desta conjugação da fé com a revolução foi o lugar preciso no qual os torturadores agiram por um duplo movimento de desqualificação da dialética que aí se jogava e da evidência da incoerência que aí também se apresentava - nos diz Rolland.

Os torturadores agiram com eficiência. A conciliação de ideais contraditórios (entre Marx e Cristo e entre Freud e Marx) foi revelada por Tito em seus escritos na sua dolorosa busca de uma nova espiritualidade, perdida que ficou, para sempre, sua identidade de religioso. A tortura, continua Rolland, opera uma mutação psicológica do sujeito pela destruição das auto-representações idealizantes valorizadas do eu.

20. Mais uma vez reitero que minha crítica ao iluminismo se prende ao racionalismo e não ao uso da razão.

21. A ambiguidade de um símbolo se caracteriza pela existência de objetos referentes aos quais é impossível dizer se o símbolo é ou não aplicável, segundo Max Blank. G.W.Cunningham preocupou-se em saber se uma linguagem vaga (ambígua) possui ou não significação e em que condições pode possuí-la. A linguagem corrente é constitutivamente vaga. Às vezes, ocorre que parte do conceito ou do significado coincide com parte de outro conceito ou de outro significado. Outras, ocorre que em torno do conceito ou do significado há como véus que fazem sua imagem borrada. Cit. Por MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofia*. Madrid: alianza Diccionarios, 1986.

22. Como a coroa Portuguesa fez, em 1789, com Tiradentes, líder do movimento de independização do Brasil, a Inconfidência Mineira.

A firmeza ideológica, portanto, exigiria a não existência de conflitos em nível de ideal de ego. Nenhuma fissura sobre a qual a tortura pudesse incidir. A bandeira revolucionária tinha que ali estar solidamente plantada e, para tal, não faltavam símbolos para as identificações. David contra Golias.²³

Como psicanalistas, sabemos que a energia pulsional do ideal de ego é a libido objetual, a qual promove as primeiras identificações sobre as quais as secundárias se assentam. A ambivalência sempre presente em relação aos objetos necessariamente faz conflitivo o ideal do ego. Ora, a exigência de “firmeza ideológica” tratava-a tão somente como um ato de vontade, portanto da consciência, desconsiderando os conflitos inconscientes presentes. Por outro lado, o narcisismo se mantém no sujeito como estrutura necessária - e permanente - para a “viragem” do ego ideal em ideal de ego. Quanto à “fraqueza ideológica” ela corresponderia a uma retração narcísica. Assim entendidas, “fraqueza” e “firmeza” ideológicas deixam de ser rígida e claramente discriminadas. São apenas vértices diferentes da libido no indeterminismo pulsional, marca da singularidade histórica de cada um. Mas apenas este entendimento não basta. A sublimação - um dos destinos da pulsão - joga aí um papel relevante.

É pela sublimação que os ideais de solidariedade e vinculação aos grupos sociais se mantêm.²⁴

O mecanismo da alienação do sujeito pela tortura, diz Rolland, se dá pela operação de dessublimação, uma violência de despoetização que alia a se-
vícia física à palavra insultuosa. Uma palavra que diz coisas que, ao mesmo tempo que são falsas, têm seu grão de verdade sustentada na verdade pulsional do sujeito. Esta ambiguidade do verdadeiro e do falso contida na palavra do torturador, que se impõe do exterior e encontra ressonância no interior, transforma-se num corpo estrangeiro, numa coisa que passa a habitar o sujeito.²⁵ Aí, a palavra do torturador ganha estatuto de verdade. Verdade do desejo do torturador manipulando a verdade pulsional do torturado. O uivo do torturado inscreve-se (pela erotização perversa da manipulação corporal), representa-se,

23. A vitória da Revolução Cubana em 1950 e a derrota dos EUA na Guerra do Vietnã.

24. Há ainda a consciência de culpa e a contenção da agressividade geradoras do mal-estar na cultura. FREUD, S. *El malestar en la cultura* (1930) AE vol. XXI. Neste trabalho, não nos alongaremos neste ponto.

25. ROLLAND, J. C. Op. Cit. p. 229-230. No entanto, sempre somos habitados por “coisas estrangeiras” impostas pelo outro. Contudo, há que se entender a especificidade que faz disto um processo constitutivo do humano - quando a serviço das pulsões de vida - ou alienante do sujeito, como na tortura.

passa a ser palavra, mas, pela alienação do sujeito desejante, ganha na loucura, o estatuto de coisa. Coisa de fora, persecutória, da qual o sobrevivente, sozinho, não consegue se livrar. A palavra perseguida pelo torturador torna-se, assim, a palavra persecutória do torturado.

O que é isso companheiro?

“Apesar de você, o amanhã há de ser novo dia..”

Chico Buarque

Mais do que uma simples aventura de meia dúzia de jovens idealistas e equivocados e de dois torturadores angustiados – como nos quis fazer crer Bruno Barreto em sua versão cinematográfica de “O que é isso companheiro?” – a ditadura no Brasil foi um processo brutal que deixou marcas profundas na sociedade, implicando direta e indiretamente a todos.

Alguns, dela se beneficiaram e aprovaram sua violência. Muitos a negaram. Outros, acreditaram que, através de movimentos guerrilheiros, poderiam detê-la. Modos de resistência foram tentados. Os artistas e os intelectuais buscaram, como armas para combatê-la, a linguagem. A palavra polissêmica, ambígua, foi usada como denúncia.²⁶ Músicas, peças teatrais, textos. A censura oficial buscou contê-los, tornando proibidas determinadas palavras. Torturadores de textos, os censores os mutilaram, tentando despedaçar seus corpos para aniquilá-los.

Despedaçar corpos, excitando-os brutalmente em determinadas zonas (tornando-as todas, por assim dizer, erógenas), era a prática da sevícia corporal. Remetendo o sujeito a experiências primitivas, aniquilavam o sujeito, afetando seu corpo em busca da palavra sem ambiguidades.

O torturador sevicia e insulta. Depois escuta. Escuta o que ele deseja ouvir; a confissão. Como aponta Rolland, “a confissão não corresponde jamais a um enunciado qualquer, mas a uma certa forma de descarga da linguagem na qual o signo verbal é interpretado pelo desejo daquele que o escuta.”²⁷

26. Durante sua prisão na ditadura de Getúlio Vargas, Graciliano Ramos produziu uma obra-prima, *Memórias do Cárcere*. Muitos outros exemplos, como o de Gramsci e tantos outros podem ser lembrados.

27. ROLLAND, J.C. op. Cit. P.232.

Corpos erógenos. Escuta e interpretação da linguagem. Isso também faz parte do ato analítico. Mas o que marca as diferenças entre o ato analítico e a tortura?

Outras implicações

O psicanalista não pode, sob pena de não o ser, ignorar tais questões.

O texto de Rolland as retoma e aponta para o vértice político e ético que jamais pode se desvincular de nossas vidas em geral e da prática analítica em particular. Em seu belo ensaio, Rolland toma a singularidade da *via crucis* de Tito para o entendimento da universalidade da alienação humana quando uma prática se faz à margem da lei.

Somente dentro de uma ética é que a psicanálise pode se dar. Somente assim ela pode lidar com linguagem e corpo, com fala e escuta. É na contramão da tortura que o trabalho analítico pode se produzir. Como nos diz J. D. Nasio, a palavra que interessa ao psicanalista é a palavra quebrada e vacilante, que rompe o relato conhecido e afeta o corpo. Dela surge uma nova historicização do sujeito.

A tortura quer a palavra exata, a desejada pelo torturador, o fim da história anterior do sujeito (seu próprio fim) e o impedimento de novas historicizações. A repetição e não a criação. Não há, com a tortura, poetização possível da linguagem. A escuta analítica - em oposição a do torturador - só pode ser balizada por um desejo: o de permitir o acesso ao inconsciente através de sua fala de sujeito desejante.

A tortura alude o pensamento arcaico.²⁸ “O arcaico alude a um fundo indiferenciado não simbolizável nem subjetivável, que fica à margem do movimento projetivo introjetivo das experiências primeiras e que transmitem uma mesmidade sem possibilidade de transformação.”²⁹ Domínio da pulsão de morte.

De modo diferente, a psicanálise busca o originário que “supõe a situação paradoxal de um sujeito ausente de seus começos (irrepresentabilidade da

28. A distinção feita dos níveis do pensamento primitivo em arcaico e originário é de René Kaes, cit. por VIÑAR, Marcelo N. “Análisis didáctico y formación analítica; una frontera problemática”. In: The newsletter of the International Psychoanalytical Association. Vol.5, issue 1, 1996, p.41-49.

29. Ibid. p.44. Com esta divisão Viñar busca diferenciar a transmissão- repetição da transmissão transicional e apontar para como as análises didáticas podem ser torturantes quando se fazem no registro da transmissão-repetição.

cena primária), ausência ou descentramento [mas] que, sem embargo, solicita, requer ou exige a auto-representação, deslocada em um *ersatz* (substituto), já que a verdade original é inacessível (estruturalmente faltante) mas organizadora”.³⁰ Para tal, a relação analítica se vale do campo transferencial visando a inscrição e a representação através da erotização das pulsões de vida. A fala e a escuta, o corpo e os afetos estão assim implicados em nosso trabalho.

Não temos nunca o conhecimento a priori daquilo que o trabalho analítico pode promover. Trabalhamos em um campo não determinístico. Diante de tantas dúvidas e incertezas precisamos de alguns balizamentos: a teoria, a técnica, a análise pessoal. Estas, contudo, nada são se não se assentarem sobre uma ética. Esta é a diferença fundamental que separa a psicanálise da tortura. A psicanálise só pode ser exercida dentro da lei. A conjugação de psicanalistas e torturadores é, portanto, inadmissível e impossível.

Liana Albernaz de Melo Bastos

lianaambastos@gmail.com

30. Ibid. p.44.